

**“Temos que nos equipar com uma outra bagagem retórica, teórica, metodológica, epistemológica para darmos conta das discursividades, hoje”**

**Entrevista com Antonio Fausto Neto**

Por Eloisa Klein<sup>1</sup>



Foto: UEPB

---

<sup>1</sup> Jornalista e professora da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Unijuí. E-mail: [eloisa.klein@gmail.com](mailto:eloisa.klein@gmail.com)

\* Esta entrevista foi realizada oralmente no dia 21 de agosto de 2020 e posteriormente transcrita pela entrevistadora.

Nesta edição, entrevistamos o professor Antonio Fausto Neto, titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com ampla atuação na área de pesquisa de semiótica, comunicação e análise de discursos. Atualmente, é presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Fausto Neto se graduou em jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1972), é mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977), doutor em Sciences de la Communication et de L'information, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales - França (1982), e realizou pós-doutorado na UFRJ (1990). Também já foi professor na UFRJ, UFPB, UnB e PUC-Minas. Na vasta trajetória de pesquisa, destacam-se os livros: *Mortes em derrapagem* (1991); *O impeachment da televisão* (1995); *Ensinando à TV Escola* (2001); *Desconstruindo os sentidos?* (2001); *Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral* (2003); *O mundo das mídias* (2004).

Nesta entrevista, o professor fala sobre o contexto histórico das pesquisas de análise de discurso e semiótica no campo da comunicação e no estudo das mídias. Também analisa as transformações das perspectivas metodológicas e teóricas, tensionadas pela imagem e audiovisualidades. Por fim, reflete acerca da necessidade de se pensar abordagens de análise de discurso que contemplem as mudanças em curso, provocadas pelo uso das tecnologias digitais e pelo borramento dos circuitos produzidos por produtores e receptores de conteúdos.

**Pergunta:** *Como historicamente a Análise de Discurso e a Semiótica contribuem para o desenvolvimento de pesquisas sobre mídia e comunicação?*

**Antonio Fausto Neto:** Os estudos sobre análise de discursos têm toda uma etapa preliminar à sua convergência com a comunicação, com a pesquisa sobre fenômenos discursivos mais situados no âmbito dos textos literários e linguísticos. Foi uma fase preliminar à semiótica dos discursos midiáticos, marcada pela presença de vários autores, mas podemos destacar Roland Barthes, um dos grandes precursores da análise textual. Barthes estava preocupado com as questões dos discursos relacionadas com retórica, gramática, gênero e, posteriormente, antes de falecer, com questões enunciativas – aparecendo, ainda que de forma latente, a problemática da ideologia. Há uma longa etapa da pesquisa envolvendo a semiologia, de “primeira

geração”, focada no estudo dos discursos em produção.

É neste contexto que, além dos estudos de Barthes, aparece o conceito de “contrato de leitura”, tematizado inicialmente com outra designação por Umberto Eco, quando trata da questão do “leitor ideal”. Eco estudava textos literários em que se manifestava a existência deste tipo de leitor. O texto em produção já engendra o *outro* a quem se dirige. Estas preocupações aparecem em estudos posteriores de Eliseo Verón, voltados para discursos midiáticos. Verón aprofunda a noção de “contrato de leitura”, buscando entender e descrever como se engendra o vínculo entre produtores e receptores na especificidade dos discursos jornalísticos, publicitários, televisivos, etc. A questão do vínculo com o outro só se estabelece quando se pensa uma “engenharia discursiva”, que contempla o processo interacional envolvendo estes dois pólos. Evidentemente não se tratava ainda de uma semiótica da recepção, mas de uma preocupação com a existência de alguma coisa que emergia como a figura da recepção, um componente que depois foi contemplado de forma mais sistemática, no âmbito da análise de discurso.

**Pergunta:** *A análise dos discursos midiáticos parte, então, das preocupações linguísticas?*

**Antonio Fausto Neto:** É muito importante destacar o marco linguístico na primeira etapa dos estudos de discursos, porque foi graças à contribuição seminal da sociolinguística e da literatura que se tomaram os pressupostos teóricos e as ferramentas analíticas para que se pudesse estudar aquilo que seria o discurso em produção – considerando-se que o discurso em produção também trabalhava o discurso em recepção por um longo tempo, ainda que de modo inferencial e, em termos, menos empírico. A matéria-prima era a manifestação linguística do discurso em produção, na forma textual, tomando a linguística como uma referência do trabalho do funcionamento discursivo. É graças a todo esse equipamento adquirido destes dois campos – os estudos linguísticos e de inspiração sociolinguística – que se funda e se desenvolve, ao longo de 30 anos, a análise do discurso, que posteriormente vai se diversificando em vários tipos de orientações, tendo por base as teorias iniciais, as metodologias em curso e a emergência de novos objetos, como os discursos midiáticos. Existe um cenário mais abrangente, apenas estou configurando um ponto

de partida para dizer que o marco dos estudos de discursos é o marco do funcionamento linguístico, tendo em conta pesquisas que envolviam aspectos de modalidades, vocabulário, retórica, etc.

**Pergunta:** *Mas a abordagem é atualizada ao longo do tempo?*

**Antonio Fausto Neto:** Há duas viradas importantes na análise de discurso, quando ela deixa de ser só uma preocupação *stricto sensu* linguística, ou sociolinguística, quando irrompe a questão da imagem. Os analistas de discurso haviam desenvolvido toda uma problemática de estudos dos discursos inspirados na questão da imanência dos textos, onde aparece a importância das “gramáticas”, que constituíam o modo de existência dos discursos. Vale recordar que por longos anos há uma prevalência de textos permeados por fundamentos linguísticos, segundo a perspectiva verbal. Porém, em uma etapa posterior, com o aparecimento das audiovisualidades, observa-se um deslocamento do interesse da pesquisa para a questão da imagem, algo que envolveria outra retórica, outra gramática, com a necessidade de se produzir uma ferramenta analítica que contemplasse os estudos de imagem, como a semiótica da imagem e toda uma linha de trabalho. Não se tratava de uma aplicação das teorias e metodologias voltadas para estudos verbais para a imagem, algo que se tentou fazer, mas sucumbiu, dada a irrupção da imagem, especialmente nos enunciados relacionados aos discursos políticos e várias modalidades de discursos midiáticos. Isso tudo é contemporâneo das transformações das mídias. A grande matéria-prima da análise do discurso era sua manifestação segundo linguagem verbal (seja discurso político, discurso literário, discurso científico, etc). É verdade que os primeiros estudos de análise de discurso do campo da comunicação também tiveram na linguagem verbal seus primeiros ensaios. Evidentemente que isso é um marco fundamental, porque nos dá condição de sair da ótica do funcionalismo (pesquisa de efeitos, calcados na tradição da “research communication”), para nos deslocar para vertentes da linguística, sociolinguística e pragmática, quando se funda um outro capítulo dos estudos de comunicação, onde as matérias de retaguarda, analíticas e teóricas, inspiram-se nos estudos estruturalistas, que contribuíram para outra abordagem de análise, no caso, as leituras sobre manifestações ideológicas, tendo sempre os textos como referência de análise.

**Pergunta:** *E quanto às análises focadas nas mídias?*

**Antonio Fausto Neto:** Os primeiros trabalhos de análise de discurso sobre comunicação midiática são estudos que se voltaram ao texto verbal. Ou seja, você tem como grande referente de tudo isso, além de Roland Barthes, que influenciou o avanço da semiologia no contexto latino, Edgar Morin, que fundou um centro de estudos de comunicação de massas (CECMAS), em Paris, que por longo anos deu o tom da contribuição estrutural para análise de fenômenos de comunicação. Por este centro passaram várias gerações de pesquisadores, inclusive brasileiros, e muitas edições da revista *Communications* foram editadas em português, pela Vozes. Estes trabalhos traziam a análise de vários discursos, como fílmico, publicitário, político, jornalismo, música, turismo, etc. O centro contribuiu para o avanço da área de pesquisa em comunicação, que tomou a análise de discursos como uma referência central. Isso perdurou por muitos anos. Mas quando a atividade da comunicação midiática vai se desenvolvendo, concomitantemente aflora a importância do discurso político construído via imagem e se observam limites da ferramenta linguística para dar conta destas modalidades de discurso emergente – além de haver um impulso para estudos de modalidades de discurso não verbal. Na transição de uma coisa para outra é muito importante uma categoria que aparece como quase naturalizada – ou, situada na fronteira do território linguístico –, mas que tem uma grande importância para o salto que a análise do discurso dá num momento posterior, que foi a categoria da enunciação. A gente descobre na categoria da enunciação a chave de leitura para fazer a ponte entre o problema da materialidade do texto com a questão social: o texto funcionando no âmbito da sociedade. E aí nos preocupamos com questões como intenção, inteligibilidade, estratégias dos modos de dizer, as categorias do discurso relator e discurso relatado, a noção de interdiscursividade – que nasce aí dentro deste contexto mais moderno da enunciação. E isso vai se configurar como grande passo para se estudar, de modo mais sistemático, os discursos midiáticos (cobertura de grandes acontecimentos, análise das estratégias políticas das eleições, etc). O foco passa a ser buscar descrever e entender “os modos de dizer”, de um modo mais profundo do que sugeriam os estudos pragmáticos, sobre “atos de fala”, de origem anglo-saxônica. Nesta abordagem, o que se deveria reter dos discursos, de modo inferencial, seria a busca de uma resposta enquanto efeito do próprio ato linguístico,

cunhado na expressão “quando dizer é fazer”. A pesquisa sobre enunciação gera muitos desafios, porque tira a compreensão do discurso apenas do domínio linguístico e, ao mesmo tempo, lança novas hipóteses, das quais vão resultar outros processos observacionais, a partir dos quais os discursos (político, psicanalítico, midiático, religioso, etc) vão se constituir em objetos.

**Pergunta:** *Temos uma relação crescente entre ferramentas metodológicas e o desenvolvimento da mídia?*

**Antonio Fausto Neto:** Após os primeiros estudos de análise de discurso – vinculados à literatura e linguística – há um salto para outras modalidades de discurso, que tomam como referência alguns princípios da análise de discursos no campo da literatura e no campo da linguística. Em um primeiro momento da pesquisa sobre discursos midiáticos, toma-se por base as práticas midiáticas verbais e, neste sentido, tomamos também as referências destas matrizes sociodiscursivas, sociolinguísticas clássicas. E quando aflora a questão da imagem há uma mutação, o que é enriquecido pela contribuição do grande linguista Émile Benveniste, que oferece chaves analíticas para a compreensão do funcionamento enunciativo dos discursos, como algo que transcenderia o linguístico. Assim, Benveniste oferece insumo para a análise de fenômenos translinguísticos, como os de natureza midiática. Benveniste foi um autor central no deslocamento do olhar da análise de discurso do texto fechado em si mesmo para uma noção de sociabilidade, de sociedade, de social, na medida em que ele deu uma série de pistas para essa passagem. Destaca-se particularmente o famoso texto dele “O aparelho formal da enunciação”, que é um texto também publicado em português, como capítulo de um livro chamado “Problemas de Linguística Geral”. Este é um texto fundamental para o deslocamento nos estudos de análise do discurso. Ele lança chaves para se examinar os discursos sociais, recorrendo-se à singularidade da categoria da enunciação, como referência que iria muito além da tradição positivo-dedutivista da linha de “content analysis”/análise de conteúdo. Vem deste linguista uma contribuição central para os olhares analíticos dos estudos sobre discursos midiáticos, hoje. Certamente não pode enfrentar questões cruciais com que se depara hoje a pesquisa de análise de discurso, mas alguns eixos de suas proposições são provocações criativas para nos deslocar para o outro lado

da rua.

**Pergunta:** *Como a materialidade da fala que circula nas mídias sociais muda as possibilidades de realização da análise do discurso?*

**Antonio Fausto Neto:** A análise de discurso é uma atividade que esteve tradicionalmente filiada à uma problemática de fundo, que vem subsidiada pelos estudos linguísticos e literários, sendo a matéria-prima, por um longo tempo, a fala. Ora, a fala, enquanto objeto, é estudada por muitas escolas, como a psicanalítica, a filosófica, análise crítica, linguística, sociologia e a sociolinguística, que se voltou para uma dimensão social da linguagem. E aí que há uma passagem da fala como instância de gramáticas para a fala como alguma coisa que se faz socialmente. Há uma distinção entre a fala pensada pelos linguistas e o discurso pensado pelos teóricos do discurso, distinguindo-se pela separação do aparelho linguístico como aparelho de análise, no primeiro caso, e uma tentativa de elaboração de um outro modelo, que cuidaria dos discursos sociais. O aparelho que põe a linguagem em situação de fala é permeado por muitas injunções além da gramaticalidade da língua. Há uma outra atividade discursiva mais complexa, que vai impulsionar as teorias e modelos. Isso porque quando a língua é colocada em condição de fala, envolve um conjunto de fatores que deverão ser contemplados, pois do contrário estaríamos apostando na força de um discurso unificante – hipótese descartável. Quando falamos que atualizamos a língua, entendemos que trabalhamos sobre ela, através da atividade enunciativa, ou seja, quando produzimos discursos. Apenas recordando, a língua é a matriz geradora do trabalho que é feito sobre ela – e deste trabalho se ocupam os linguistas. Mas há um passo seguinte e diz respeito ao momento em que os analistas tiveram que resolver o afloramento de uma matéria significativa complexa, que vai além da matéria linguística verbal, como é o caso do afloramento da imagem. Há uma série de materialidades discursivas que apareciam através da publicidade, do cinema, do discurso político, do corpo, etc. Havia uma emergência da materialidade discursiva que interpelava a sociedade para além do texto verbal. A análise do discurso conseguiu avançar porque vários tipos de 'escolas' de enquadramentos analíticos diversos deram-se a experimentações, pondo em interrogação alguns dos seus modelos.

Contemporaneamente, pode-se pensar que a análise de discurso sofre também uma certa retração, pois tudo parece emergir, em termos de sentidos, de uma certa visão pragmática, ao julgar que todo dito está exposto e certificado, não requerendo incursões mais profundas sobre a questão da referência (do significado). Não é bem assim, se levarmos em consideração o fato de que além da textualização algorítmica há rastros deixados por seu sistema produtivo, contendo marcas de suas intencionalidades, lógicas e racionalidades. Talvez tenhamos que formar analistas para enfrentar este novo estágio de produção de linguagens, para reabilitar a problemática do sentido. Quando emerge a questão das novas formas de comunicação, sobretudo o paradigma digital, essa questão aparece no interior de um outro grau de complexidade, diferente do momento anterior. Além da questão específica de um algoritmo, todas as práticas sociais que emergem no contexto daquilo que se chamaria de revolução do acesso – a complexificação dos processos discursivos, através de uma articulação de linguagens, cuja condensação chama-se internet. A internet, diz Verón, condensa vários investimentos, vários agenciamentos de códigos e de linguagens, como o grafismo, a estética, o som, o desenho – e são as práticas sociais e o fenômeno digital jogam a internet em um território de práticas, de práxis. O trabalho analítico precisa enfrentar este novo cenário discursivo.

**Pergunta:** *Até mesmo as disputas de poder e as estratégias de buscar o contato com o outro mudam neste cenário. Isso tensiona uma transformação metodológica?*

**Antonio Fausto Neto:** Quando as práticas sociais se apropriam da internet, dão a ela alguma especificidade, resultante desta condensação. Me parece que a análise do discurso não deixa de ser uma ferramenta e um lugar de trabalho sobre o discurso social, mas evidentemente não pode desconhecer essa mudança. Os dispositivos de análise têm que dar um salto de constituição e de formulação para fazer face à discursividade que se faz agora, por exemplo, em processos interacionais diferentes, como os das redes sociais, nos quais, produtores e receptores estão situados numa aparente relação de simetria. A tensão discursiva é diferente daquela que reunia produtores e receptores num momento anterior. Este objeto requer que a análise de discurso remodele-se, complexifique-se conceitualmente, metodologicamente, para dar conta destes novos nichos e processos de comunicação. Acho que estamos nesta

virada. Na medida em que a internet reúne – no sentido de condensação – uma complexificação de linguagens, conseqüentemente os processos analíticos vão ter que se refazer também, considerando-se que já não são campos sociais que travam discursos, disputam, constroem estratégias para receptores, mas tais lógicas passam por circuitos de interação, muitos dos quais se fazem por meio de uma arquitetura e de uma engenharia distinta daquilo que foi o processo comunicacional da relação entre campos sociais e recepção social. Os dois campos (de produção e aquilo que seria o campo dos receptores) estão agora todos vinculados à uma arquitetura comunicacional, que nos coloca juntos numa paisagem comunicacional, o que significa dizer que esse cenário interacional requer outros modelos analíticos, que por sua vez requerem uma semiótica aberta. Não mais uma semiótica fechada, inspirada na literatura, não mais uma semiótica inspirada nas metáforas dos dispositivos sociológicos que explicaram relações entre emissores e receptores como relações de poder, em sentido clássico.

**Pergunta:** *Há uma necessidade de compreender processos distintos de produção de textos também?*

**Antonio Fausto Neto:** Nós estamos em uma arquitetura comunicacional em que os dois polos de discurso, que outrora trabalhavam em uma dimensão discursiva diferencial, hoje estão vinculados à uma atividade interacional concomitante, que é por natureza descontínua, porque não se sabe o desdobramento, já que nem sempre são levados à intercambialidade com o outro. Mas nesta atividade comunicacional contemporânea transitam discursos, que ao invés de ficarem fundidos e situados no interior da arquitetura interacional, destes dois polos, estes discursos migram para outros lugares, seguindo a dinâmica de discontinuidades, de bifurcações. Toda essa dinâmica de funcionamento dos discursos sociais hoje requer uma teorização e um modo de trabalhá-los, de analisá-los, distintos daquele momento onde o foco da análise do discurso estava centrado em estruturas duras, como a gramática do campo de produção, a gramática do campo de recepção. Hoje tudo isso está em conexão, quase que em um fluxo contínuo, mas que todavia deixa marcas assimétricas do seu funcionamento. E essas marcas são por onde nós podemos chegar para poder reconstituir a análise de discurso, entendendo-se um outro modo de funcionamento

dos discursos.

Nós abandonamos um modelo de comunicação de um para muitos, um modelo no qual havia uma exponencialidade da gramática de produção disseminando-se na direção de receptores, que estavam também produzindo seus próprios discursos (e foi aí que se desenvolveu a análise de recepção, numa segunda fase). Estamos numa terceira fase, que é emergente, em que há uma mudança da arquitetura, com a reunião de produtores e receptores, que não estão mais numa situação de distâncias (na qual os produtores manejavam os discursos emitidos aos receptores, que os reelaboravam). Tivemos um momento da análise enfatizada na produção, depois um segundo que enfatizava a análise da recepção, fortemente representada pela conjugação de teorias de ciências da linguagem e ciências sociais. Agora estamos em um modelo caracterizado por uma sociedade em midiatização, que mostra-nos discursos sendo produzidos concomitantemente, em intensa interação entre produtores e receptores de discursos, que já não estão mais nessa posição clássica de produtores e receptores, mas em uma posição de complexa intercambialidade, de interfaces. Só que falar em interfaces não significa dirigir o discurso para destinos pré-localizados, como retornar para a produção, ou enviar para a recepção.

**Pergunta:** *Assim, também não analisamos produtos fechados, mas temos que encontrar outras formas que caracterizam a produção de discursos?*

**Antonio Fausto Neto:** A arquitetura que vivemos hoje, em que muitos falam para muitos, significa dizer que os circuitos se misturam, alguns circulam juntos, concomitantemente, paralelos, e muitos deles se bifurcam e criam rastros para diferentes posições, diferentes destinos, fazendo com que os analistas de discursos deste momento atual da midiatização tenham o desafio de encontrar os rastros destes processos. Não há uma materialidade com racionalidade totalmente acabada, porque os discursos estão em interface, estão em uma atividade muito longa de interpenetração. Mas, como lembra Luhmann, todo processo de interpenetração não se desenvolve de modo convergente, pelo contrário, as interpenetrações discursivas, em termos de práticas, desenvolvem também, como resultado, a desordem. Ocorre a não convergência, as bifurcações, os destinos não sabidos que essas práticas tomam em uma direção, sem necessariamente aquele porto matricialmente que foi o traçado

pelo grande enunciador, o grande emissor do processo comunicacional. Então, estamos vivendo esta complexidade, onde os discursos não são mais disseminados de um polo a outro, mas os discursos são acionados no contexto de interpenetrações de discursos e práticas discursivas, cujo funcionamento não os remete de volta aos seus presumíveis lugares responsáveis por suas emissões e recepções. Porque estes lugares não estão mais onde estiveram sempre, eles cambiam nesta lógica de comunicação de muitos para muitos, não mantêm uma configuração de lugar fechado, constituído e protegido de qualquer tipo de contaminação de outro lugar. Pelo contrário, estes lugares (antes emissão e recepção) agora estão em rede, eles estão em atividade, de tal modo que nós só podemos resgatar presumíveis intencionalidades, lógicas e gramáticas nos rastros deixados pelos caminhos que eles percorrem. Nos parece que este é o desafio atual e nós estamos dando os primeiros passos na construção de propostas metodológicas, com algumas dificuldades, porque há o deslocamento de uma fundamentação epistemológica e a mudança de objetos e arquitetura comunicacional. Temos que nos equipar com uma outra bagagem (retórica, teórica, metodológica, epistemológica, etc.) para darmos conta das discursividades, hoje, da sociedade em que vivemos, neste contexto de midiatização.

\*\*\*